

A TURMA QUE SABIA O QUE ESCREVER

Por Raquel Salema

Quem pensa que *A Turma que Não Escrevia Direito*, de Marc Weingarten, vai criticar – ou melhor – problematizar o Novo Jornalismo, se engana. O livro é basicamente uma história gostosa de ler das grandes revistas americanas – como a *New Yorker*, *Esquire* e *Rolling Stones* – e suas ideias para se reciclar, e dos principais nomes do gênero do Novo Jornalismo. É interessante para quem tem familiaridade com as revistas e um pouco de conhecimento sobre os autores citados. Caso contrário, sem dúvida o leitor fica perdido, e até entediado na leitura.

Muito focado nos altos e baixos das revistas *New Yorker* e *Esquire* – famosas nos Estados Unidos – e sua longa trajetória, o livro esquece de explorar o papel dos jornalistas do Novo Jornalismo nos meios de comunicação atuais, levantando questões e talvez soluções para o gênero. Quem espera uma calorosa discussão sobre os divergentes pontos que envolvem o Novo Jornalismo, como a objetividade, imparcialidade, *lead*, etc., se decepciona.

O máximo que o autor faz é explicar a raiz do gênero, colocando a visão de Tom Wolfe, um dos precursores do Novo Jornalismo: quem iniciou o gênero foram Charles Dickens, Honoré de Balzac e Henry Fielding, no século XIX, retratando suas épocas em uma precisa ficção realista social.

O grupo inicial do Novo Jornalismo na década de 60 tinha, além de Wolfe, Jimmy Breslin, Gay Talese, Hunter S. Thompson, Michael Herr, Johns Sack e Joan Didion e suas histórias mudaram a maneira ortodoxa de leitura que a sociedade estava acostumada, através dos livros e reportagens em tom de literatura.



“Foi um fluxo sem precedentes de não ficção criativa, o maior movimento literário desde o renascimento da ficção americana nos anos 1920”. (p. 15), diz o autor. Para ele, não há uma definição para o Novo Jornalismo, mas seu principal preceito é não aplicar as antigas regras de reportagens, como relatar os acontecimentos de maneira objetiva, por exemplo.

O livro falha por não aprofundar nas histórias dos famosos escritores do Novo Jornalismo: Truman Capote e Gay Talese. Mostra apenas um perfil superficial deles, se limitando a contar histórias em que eles estavam envolvidos. De Tom Wolfe o autor fala bastante, talvez pela facilidade por já ter escrito o livro *Who's Afraid of Tom Wolfe?* (*Quem Tem Medo de Tom Wolfe?*), sem tradução para o português.

Mas no meio dessas histórias mil, duas merecem destaque: a de Charles Dickens, o pai dos ‘novos jornalistas’, que escreveu a célebre série de cinco artigos sobre a rotina da classe média e trabalhadora de Londres, intitulada *Street Sketches*; e a de Eric Blair, ou como todos o conhecem, George Orwell que deixou todas as comodidades, para viver por 3 anos como um trabalhador comum, seguindo a linha de Dickens e que resultou no livro *Na pior em Paris e Londres*, de 1931. Sem dúvida uma reportagem.

Weingarten bem define George Orwell: “Isso é Orwell, o romancista incipiente, usando as observações de alguém de dentro para preparar uma crítica social, um repórter reproduzindo a natureza maçante e rígida do trabalho serviçal com instrumentos de um escritor” (p.27). Isso é o novo jornalista: um repórter que reproduz determinadas situações e pessoas com instrumentos de um escritor.

Para quem procura livros e artigos do Novo Jornalismo para ler, *A Turma que Não Escrevia Direito* traz várias dicas. Inclusive, contém um índice no final, com os nomes e assuntos que o leitor queira consultar, como em livros especializados. Mas para quem pretende ler para se entreter, a obra não é a mais adequada.

“PRÓXIMA ESTAÇÃO, SÉ; DESEMBARQUE PELO LADO ESQUERDO DO TREM”

Por Letícia Naísa*

As pessoas se agitam e quando as portas abrem, se empurram, correm e gritam umas com as outras. Eu fico ali, de lado, espiando. Um banco velho, do metrô antigo, um banco daqueles marronzinhos, sabe, localizado estrategicamente ao lado da porta esquerda do trem. Vejo muito, não falo nada, afinal, sou um banco. Um banco muito disputado, modéstia à parte, já que fico ao lado da porta. A única e melhor coisa que faço é observar as pessoas e suas atitudes no metrô. Pessoas são extremamente intrigantes.

Diferentes tipos, cores e tamanhos, assim, cada uma é uma. Gosto especialmente dos idosos, esses são bonzinhos, não costumam fazer muito barulho, mas gostam de dar olhares feios a casais ou grupos de amigos barulhentos. Quanto aos casais, esses são abusados. Alguns gostam de excessivas demonstrações de afeto, é como se mais ninguém (inclusive os pobres bancos) estivesse presente. Já os grupos de amigos barulhentos querem que todos saibam que estão ali. E por falar em barulho, como são intrigantes as pessoas que ouvem música alta no vagão, essas músicas são como essas pessoas dentro do metrô, de diferentes tipos e ritmos.

Eu sempre me pergunto como elas serão em casa, no trabalho, com os outros. De manhã, quando saio da primeira estação da linha, o metrô é silencioso, as pessoas mal se olham, as que vão sentadas, dormem. Já às 18h da tarde, é diferente, o vagão lota de gente cansada,



porém falante. Comentam o dia, reclamam dos chefes, do metrô cheio, do salário ruim, das tarefas de casa, da mulher, do marido, dos filhos... A cada estação nova, conversas surgem, algumas animadas, outras entediadas.

Minha estação favorita com certeza é a Sé, ela é um respiro de novidades. Só não acho que ela ganha dos terminais, porque é quando acontece aquele momento mágico (para nós, bancos), em que, primeiro, o vagão está vazio e as pessoas começam a entrar violenta e rapidamente para pegar lugar, há um desespero no ar por um assento, não importando se descerão logo ou não, o importante é a satisfação de sentar-se, arrancando olhares invejosos de quem ficou de pé; alguns são educados e dão lugares às mulheres e idosos ou seguram as bolsas que parecem mais pesadas; e segundo, o vagão lotado esvazia-se, o silêncio toma conta, só podemos ouvir o som do trem movimentando-se sobre os trilhos, preparando-se para uma nova viagem. Enfim, estava falando da Sé, a estação mais infernal na opinião dos passageiros, mas a mais divertida para os bancos, nos horários de pico, somos os objetos mais desejados. Bem, divertida em termos, porque algumas pessoas são muito agressivas, principalmente de manhã, quando estão com pressa. Mas a cada passagem pela Sé, tanto de ida quando de volta, as coisas se renovam, é como se ela fosse o posto de abastecimento da linha vermelha, o trem quase esvazia quando a porta da esquerda se abre e lota de novo quando é a vez da direita se abrir.

*leticianaísa@gmail.com